



*Eparrey Oyá
Colagem digital por Carlos Pereira, 2023.*

PARA SABER MAIS

JEJE-MAHI

Por Carlos Pereira

O termo jeje é uma generificação, utilizada para designar, no contexto da escravização, um conjunto de povos que compartilhavam territórios, e/ou tradições e/ou cosmopercepções e modos de vida, mas, principalmente, semelhança entre as línguas. A utilização desse termo ocorrerá em momentos distintos no Brasil e no continente Africano (aqui primeiro), e, no que se refere às colônias, parece ter sido uma particularidade do Brasil essa nomeação, tendo em vista que o termo jeje não aparece em registros de outros territórios colonizados onde chegaram negros escravizados, como Cuba e Haiti, por exemplo. O termo, assim, pode se referir, numa percepção afrobrasileira, aos diversos povos que ocupavam a região do Golfo do Benin, desde o Rio Volta até o Rio Niger. Nessa região se encontravam povos como *degen*, *uatchi*, *adja*, *fon*, *hueda*, *mahi*, entre outros, além de importantes reinos, como o Reino de *Dahomey*, o Reino de *Savalu*, o Reino de *Fitta* e o Reino de *Dassa*, por exemplo (Parés, 2018).

Num sentido religioso, Jeje designa uma das nações de candomblé que se difundiram no Brasil e se refere ao culto de *Vodun*. Ou seja, num sentido religioso, os povos chamados de Jeje se localizam na região de culto de *Vodun*, que coincide com a área linguística dos gbe-falantes. Como essa área é composta por diferentes culturas, embora ligadas por valores compartilhados a partir da ideia de unidade cultural, é natural que haja variações, inclusive no que diz respeito a divindades, já que muitas delas se referem especificamente ao território, ou a condições específicas do lugar. Talvez isso tenha favorecido a definição de subgrupos, ou subnações do Candomblé Jeje, como: o Jeje-Mahi, o Jeje-Savalu, o Jeje-Daomé, o Jeje-Mundubi, o Jeje-Mina-Popo, o Jeje-Ashanti, o Jeje-Rio (fundado no Rio de Janeiro pela *Gayaku* Rosena, africana, natural de *Allada*), por exemplo.

Os povos *Mahi* faziam fronteira com povos *Yorùbá*, com quem tinham muita ligação. Uma das características do Jeje Mahi, que o difere das demais nações do Jeje, é que não se cultua *Eguns* (o que acontece, por exemplo, no Jeje-Daomé, onde os antigos reis são cultuados como *Voduns*) e que o panteão cultuado pode ser dividido em quatro famílias (panteão dos *Voduns* serpentes, como Pai Gbesén; panteão do trovão, que reúne *Voduns* ligados ao fogo ou ao oceano, como Pai Sogbo, Pai Gbadé, Pai Olissá e Mãe Aziri Tobosi, por exemplo; panteão da terra, ligados à vida e à morte como Pai Azanssu, Pai Agué, Pai Loko e Mãe Nanã; e panteão dos *Voduns*-nagôs, compostos por Orixás que, por trocas culturais com os *Yorùbá*, até por estarem em região de fronteira, passaram a ser cultuados como *Voduns*, como Pai Ogum, Pai Odé, Mãe Oyá, Mãe Oxum e Mãe Iemanjá, por exemplo, conforme descrito no site *Hunkpame Ayinon*.

As primeiras roças de Jeje-Mahi no Brasil foram fundadas na Bahia pela daomeana Ludovina Pessoa, que era mahi. Em uma das casas fundadas, a Roça do Ventura, também conhecida por *Zògbodò Malè Bogun Sejá Húnde* ou *Kwé Seja Húnde*, nasceu, em 1911, Luiza Franquelina da Rocha, que mais tarde, em 1945, recebeu o cargo de *Gayaku*, tornando-se a *Gayaku* Luiza de Oyá. *Gaiaku* Luiza foi responsável pela fundação do terreiro baiano *Húm̀kpà̀mé Ayono Huntoloji*, em 1952 (Wikipedia, 2022). Em 1993 ela vem ao Rio de Janeiro fundar o *Rumpame Dan Kwe Lemim*, que teve sua missão iniciada pelo *Babalorixá* Amauri de Odé e continuada por *Gayaku* Elenice de Oyá, quem atualmente dirige a casa.

Gayaku Elenice de Oyá, atual cuidadora da primeira casa de Jeje-Mahi no Rio de Janeiro, é, portanto, uma grande referência sobre o Jeje-Mahi no estado, por trazer a memória e o legado do *Babalorixá* Amauri De Odé, de *Gayaku* Luiza de Oyá, bem como de *Gayaku* Ludovina.

No Jeje-Mahi os assentamentos são feitos por meio dos *Atinças*, termo que em *ewe-fon* significa “árvore onde está o *Vodun*” (Souza, 2018). Cada *Vodun* tem sua árvore, que representa sua força, e essas árvores têm significado não apenas dentro da ritualística, mas também no cuidado em saúde e na nutrição. A partir dos *Atinças*, é possível conduzir um processo de aprendizagem sobre a cultura e a tradição do Jeje-Mahi, bem como da sua relação com a terra e as plantas e como essas plantas, moradas de *Voduns*, podem ser utilizadas para alimentação e cuidado em saúde. Tal conhecimento envolve tecnologias de preparo de banhos, rezos, danças que expressam o sagrado pela matriz do Jeje-Mahi, que ainda é uma cultura pouco conhecida, o que contribui para o apagamento da ciência e da tecnologia próprias da cultura Mahi.

Referências

Charles, Húngbónó. Os segmentos do Jeje. Disponível em: <https://ocandomble.com/2011/06/12/os-voduns-de-jeje-mahi/>

Gayaku Luíza de Oyá. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gaiaku_Lu%C3%ADza_de_Oy%C3%A1

Souza, Francinete do Socorro Campos. *Vodun também come: educação e saberes da comida de santo em uma roça Jeje Savalú na Amazônia*. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6321037

Os *Voduns* de Jeje Mahi. Disponível em <https://hunkpameayinon.wordpress.com/os-voduns-de-jeje-mahi/>

Parés, Luis Nicolau. *A formação do candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

Morada de Oyá, por Carlos Pereira, 2023.
Colagem digital feita com imagens disponíveis no Canva Pro
(Sem nome, por ArtsyBee, e Bamboo Grove, por OperationShooting).

